

Bolsonaro captura 7/9 com ameaça, machismo e comícios



Bolsonaro, Michelle, Silas Malafaia e Luciano Hang em palanque montado em Brasília

Bolsonaro captura o 7 de Setembro com comícios, machismo e ameaças

Presidente reduz tom golpista de 2021, aumenta conservadorismo e ignora bicentenário; Congresso, Judiciário e rivais se afastam

BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO E RIO DE JANEIRO — O presidente Jair Bolsonaro (PL) transformou as comemorações do 7 de Setembro em comícios de campanha em Brasília e no Rio de Janeiro, repetindo ameaças golpistas diante de milhares de apoiadores, mas em tom mais ameno do que no mesmo feriado do ano passado. Em cima de carros de som, ele pediu voto, reforçou discurso conservador e deu destaque à primeira dama Michelle Bolsonaro, com declarações de tom machista. O mandatário deixou de lado o Bicentenário da Independência nos palanques montados nas duas cidades e, tanto no Rio como em Brasília, adotou discurso parecido. Apesar da repetição de ameaças ao STF (Supremo Tribunal Federal) e da difusão de mensagens autoritárias nos atos (incluindo faixas e cartazes em diversos lugares do país), Bolsonaro reduziu o tom golpista do ano passado, quando chegou a pregar a desobediência ao Judiciário e xingou o ministro Alexandre de Moraes de “canalha”. A insistente narrativa de meses anteriores, de questionamento à confiabilidade das eleições, às urnas e ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral), também ficou fora das pregações centrais do presidente. Desta vez, Bolsonaro não citou Moraes, presidente do TSE, embora tenha atacado a operação da Polícia Federal, por determinação do magistrado, que mirou empresários bolsionistas. Quatro deles estiveram na área destinada a autoridades do desfile cívico-militar, em Brasília, ao lado do presidente. Acompanharam a cerimônia Marco Aurélio Raymundo, dono da Mormair; André Tissot, do Grupo Sierra; José Koury, do shopping Bara World; e Luciano Hang, da Havan. Hang caminhou na avenida do desfile ao lado de Bolsonaro e foi até mais exaltado do que o vice na chapa do presidente, general Braga Netto. Apesar do marco do Bicentenário da Independência, a celebração da data histórica em si ficou de lado. O evento em Brasília não teve a presença dos presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG),

da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), e do STF, Luiz Fux. Todos foram convidados pelo governo federal. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) evitou se expor, e os demais rivais na disputa eleitoral também ficaram ofuscados em meio às festividades bolsionistas. Em suas declarações, Bolsonaro manteve ameaças veladas ao dizer que vai levar “para dentro das quatro linhas [da Constituição] todos aqueles que ousam ficar fora delas”. Ele costuma usar o termo para criticar ministros do STF. “Esperem uma reeleição para vocês verem se todos não vão jogar dentro das quatro linhas da Constituição. Fizemos a campanha com João 8,32: ‘Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’. Depois passamos por outra passagem bíblica, que diz ‘Por falta de conhecimento, seu povo pereceu. Hoje vocês sabem também como funciona a Câmara dos Deputados, sabem como funciona o Senado Federal’. E sabem também como funciona o Supremo Tribunal Federal”, disse. No ano passado, ele havia sido mais direto ao dizer que “ou o chefe desse Poder [Judiciário, ministro Luiz Fux] enquadra o seu [ministro] ou esse Poder pode sofrer aquilo que nós não queremos”. Mais cedo, durante café da manhã no Palácio do Alvorada, após ter citado diversos momentos de tensão ou ruptura democrática, entre os quais o golpe militar de 1964, Bolsonaro disse que a “história pode se repetir”. “Quero dizer que o brasileiro passou por momentos difíceis, a história nos mostra. 22, 65, 64, 16, 18 e, agora, 22. A história pode se repetir. O bem sempre venceu o mal”. A menos de um mês do primeiro turno das eleições, Bolsonaro elegeu como alvo principal o ex-presidente Lula, que está em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto. Ele usou a estratégia de tentar pregar no petista a pecha de corrupto, algo que tem funcionado eleitoralmente, segundo estrategistas da campanha. Para aliados do presidente, o petista não encontrou uma forma satisfatória de responder às acusações e

tema continua relevante para o brasileiro na hora do voto. Recentemente, aliados vinham insistindo para que Bolsonaro mudasse o eixo dos seus ataques para mirar Lula. Atendendo aos apelos, ele buscou se apresentar como aquele que governa para todos. “Eu sou o presidente da República de 215 milhões de brasileiros. Eu não quero o mal dessas pessoas [de esquerda], eu quero o bem delas. Tem que conhecer a verdade, tem que ter conhecimento para esse povo estar do lado certo”, disse no Rio de Janeiro. Por outro lado, Bolsonaro defendeu “extirpar” adversários. “Compare o Brasil com os países da América do Sul, compare com a Venezuela, compare com o que está acontecendo na Argentina e na Nicarágua. O que tem em comum entre esses países? Em todos, os chefes de Estado são amigos do quadrilheiro de nove dedos que disputa a eleição no Brasil”, afirmou. Para a campanha de Bolsonaro, manter o discurso de pautas conservadoras também é central. Por isso, ele repetiu frases curtas que têm dito em praticamente todas as suas falas públicas, em que diz ser contra a legalização das drogas e o aborto. “O Estado é laico, mas o seu presidente é cristão”, disse à plateia, que gritou e aplaudiu o chefe do Executivo no Rio. Nos dois discursos, Bolsonaro estava ao lado do pastor Silas Malafaia, um dos seus principais aliados no mundo evangélico. No Rio de Janeiro, o palanque foi montado e bancado por lideranças religiosas. O presidente está à frente de Lula na corrida presidencial considerando esse segmento, com 48% de intenção de votos, segundo o último Datafolha. Na capital federal, Bolsonaro também fez diversas referências religiosas. Antes de o presidente falar, o locutor de rodeios Cuiabano Lima, que conduzia o trio elétrico, puxou uma oração. Pela manhã, em Brasília, Bolsonaro elogiou Michelle e ensaiou fazer uma comparação com outras primeiras-damas — mas sem citação direta à socióloga Rosângela da Silva, a Janja, mulher de Lula.

“Imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável”

Jair Bolsonaro (PL) durante discurso em Brasília

“200 anos de independência hoje. 7 de setembro deveria ser um dia de amor e união pelo Brasil. Infelizmente não é o que acontece hoje”

Lula (PT) candidato à Presidência

“Bolsonaro transformou o 7 de setembro dos 220 anos da Independência no mais desavergonhado comício eleitoral já feito neste país”

Ciro Gomes (PDT) candidato à Presidência

“Além de pária internacional [...] agora o país também vira motivo de chacota pelas falas machistas do seu líder, que deveria dar exemplo”

Simone Tebet (MDB) candidata à Presidência

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4